



LUIS DA CÂMARA CASCUDO

**UNIVERSIDADE
E CIVILIZAÇÃO**



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE – UNI-RN

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

UNIVERSIDADE E CIVILIZAÇÃO

NATAL/RN
2021

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

Presidente

Manoel de Medeiros Brito

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE – UNI-RN

Reitor

Daladier Pessoa Cunha Lima

Vice-Reitora

Ângela Maria Guerra Fonseca

Diretora Acadêmica

Fátima Cristina de Lara M. Medeiros

Coordenador do Curso de Direito

Walber Cunha Lima

Coordenadora da Assessoria de Assuntos Internacionais

Vânia de Vasconcelos Gico

Projeto Filosofia, Direito e Sociedade

Everton da Silva Rocha

Fábio Fidelis de Oliveira

Marcelo Mauricio da Silva

Marco Aurélio de Medeiros Jordão

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

UNI-RN CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

Rua Prefeita Eliane Barros, 2000 – Tirol – Natal/RN – CEP 59.014-540

Web Site: <http://www.unirn.edu.br/> - E-mail: reitoria@unirn.edu.br

LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

UNIVERSIDADE E CIVILIZAÇÃO

**NATAL/RN
2021**

UNIVERSIDADE E CIVILIZAÇÃO

Copyright ©2021 Centro Universitário do Rio Grande do Norte
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Discurso pronunciado pelo Professor Luís da Câmara Cascudo, na noite de 21 de março de 1959, por ocasião da instalação da Universidade do Rio Grande do Norte, em nome das Congregações de todas as Faculdades.

EDIÇÕES IMPRESSAS:

2ª Edição – Edição comemorativa dos 30 anos de fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), (1958/1988), realizada em 25 de junho de 1988.

3ª Edição – Homenagem ao Professor Luís da Câmara Cascudo por ocasião do I ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO “DIREITO, CULTURA E MEMÓRIA”, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Instituto de Direito Brasileiro, em 19 de abril de 2016.

Fotografia da Capa: Luís de Câmara Cascudo, final da década de 1940, com condecorações recebidas de Portugal: colar da Sociedade de Geographia de Lisboa e barrete com miniatura de diversas comendas.

Fonte: Acervo LUDOVICUS – INSTITUTO CÂMARA CASCUDO. Natal/RN/Brasil.

Projeto Gráfico e Diagramação

Terceirize Editora

Revisão e Normalização

Profª Vânia de Vasconcelos Gico

Padronização versão eletrônica

Fernando Roberto Brandão da Silva

Pesquisa Iconográfica

Daliana Cascudo – Instituto LUDOVICUS - Publicação com autorização expressa

Revisão

Prof. João Maria de Lima

Catálogo na Publicação - Biblioteca UNI-RN
Setor de Processos Técnicos

Cascudo, Luís da Câmara

Universidade e Civilização. Luís da Câmara Cascudo. Natal: Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), 2021. 25 p.

Edição em homenagem ao Professor Luís da Câmara Cascudo realizado por ocasião do I ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO “DIREITO, CULTURA E MEMÓRIA”, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Instituto de Direito Brasileiro, em 19 de abril de 2016.

Publicado e impresso em 2016 (3ª edição impressa) e editado para e-book em 2021 (edição digital/e-book).

ISBN (Impresso): 978-85-63455-04-8

ISBN (Digital): 978-65-88305-08-9

1. Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). 2. Discursos, Ensaios e Conferências. I Título.

RN/UNI-RN/BC

CDU 378.4(813.2) (042)

Fernando Roberto Brandão da Silva

SUMÁRIO

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO (IMPRESSA)

Prof. Daladier Pessoa Cunha Lima ----- 7

APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO (IMPRESSA)

Prof. Daladier Pessoa Cunha Lima ----- 9

NOTA INTRODUTÓRIA

Prof. Everton da Silva Rocha

Prof. Fábio Fidelis de Oliveira

Prof. Marcelo Mauricio da Silva

Prof. Marco Aurélio de Medeiros Jordão ----- 11

UNIVERSIDADE, CIVILIZAÇÃO E LUSOFONIA

Fábio Fidelis de Oliveira ----- 13

UNIVERSIDADE E CIVILIZAÇÃO - DISCURSO PRONUNCIADO PELO PROFESSOR LUÍS DA CÂMARA CASCU DO, NA NOITE DE 21 DE MARÇO DE 1959, POR OCASIÃO DA INSTALAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE, EM NOME DAS CONGREGAÇÕES DE TODAS AS FACULDADES

Prof. Luís da Câmara Cascudo ----- 16

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO (IMPRESSA)

Criada a Universidade do Rio Grande do Norte no dia 25 de junho de 1958, por decreto do Governador Dinarte de Medeiros Mariz, sua instalação verificou-se no dia 21 de março de 1959, em reunião solene de assembleia universitária, no teatro "Alberto Maranhão". Presidiu-a o Magnífico Reitor Prof. Onofre Lopes da Silva, com a presença de altas autoridades federais, estaduais, municipais, professores, estudantes, funcionários, famílias.

Nessa ocasião, em nome do corpo docente, discursou o Prof. Luís da Câmara Cascudo, titular da cadeira de Direito Internacional Pública da Faculdade de Direito, ressaltando a relevância do instante histórico em que nascia a instituição. Mestre de muitos saberes, Cascudo assinalava a instalação da instituição com estas palavras iniciais: "Durante um minuto o relógio do tempo marca para o Rio Grande do Norte a sua hora imortal". Ele sabia, como tantos outros que ali estavam, a significação transcendente daquela hora para o Rio Grande do Norte e a responsabilidade de anunciá-la para o futuro.

Ali, em verdade, realizava-se sonho antigo dos professores do passado. Até então, os jovens norte-rio-grandenses que ambicionavam uma carreira universitária só poderiam procurá-la noutros centros maiores do país: no Recife, na Bahia, no Rio de Janeiro. A partir daquele dia histórico, mesmo os que não dispunham de meios materiais para estudar noutras capitais já poderiam ingressar na nossa Universidade, conquistar seu diploma de curso superior e dedicar-se a uma profissão liberal. Abriam-se, assim, inumeráveis oportunidades para a mocidade da nossa terra na busca do seu destino profissional. Esse era aspecto importante do ato que mar cava a noite memorável. Todavia, Luís da Câmara Cascudo, com sua elevada visão humanística, via mais longe e preconizava algo superior. Por isso, declarava: "Se a Universidade dará os cursos regimentais aos seus estudantes, matriculados nas Faculdade, ministrando ensinamentos para a batalha profissional, cumprirá apenas a materialidade de sua missão, realizando tão somente a tarefa maquinal de uma transmissão de técnicas. Se não a empolga e não a apaixona a criação de um espírito, de uma alma universitária, elegida pela observação, experiência e estudo dos professores, veteranos da campanha de sonhar e sofrer, dando aos seus alunos não unicamente a lição dos livros mais a impressão pessoal na viagem pelo mundo e pela sensibilidade, então a Universidade

existe como existirá uma máquina fornecedora de filtros seletivos, de aptidões teóricas, oficina de armas sem que se pergunte o destino delas, preparando-se o Cavaleiro com os segredos da vitória sem o prévio juramento da atuação moral. Apenas a Universidade reforça e amplia a matéria sem o espírito, a violência do Exito sem o ideal de Beleza, o sucesso da Economia feliz contra a Justiça. desarmada e miseranda".

Já no dia se sua instalação, Cascudo pleiteava "a valorização humana da ciência adquirida e sua aplicação nobre e digna", ao lado do espírito universitário - a força que cimentaria professores, estudantes e funcionários a se unirem e lutarem por ideal comum. Ideal que deveria prolongar-se para além da Universidade, permanecendo entre os futuros formados e integrantes da comunidade norte-rio-grandense. Nasceu a Universidade sob a influência do privilégio ao saber e da opção pela ciência e suas verdades.

Essa a lição maior que Luís da Câmara Cascudo transmitiu em sua aula de sapiência do dia 21 de março de 1959-documento que hoje a UFRN, ao completar trinta anos, republica em homenagem à memória do grande Mestre desaparecido.

Foi confiante nessa força unificadora dos ideais mais altos da instituição - o espírito universitário - que Onofre Lopes, nas suas palavras de despedidas da UFRN, pôde proclamar o seu derradeiro apelo: "Todos precisamos ser solidários e cumprir o dever de zelar pela Universidade, ajudando-a na sua destinação histórica".

Natal/RN, julho de 1988
Daladier Pessoa Cunha Lima
Reitor da UFRN

APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO (IMPRESSA)

Instituição acadêmica muito jovem - tem apenas 17 anos de vida - o Centro Universitário do Rio Grande do Norte UNI-RN segue os caminhos da qualidade em todas as suas ações educacionais. Vinculado à Liga de Ensino do RN, entidade centenária no campo da educação, o UNI-RN detém ótimos indicadores no sistema nacional de avaliação do Governo Federal. Agora, o Centro Universitário se lança na busca da internacionalização, a exemplo do recente convênio de intercâmbio assinado com a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Assim, dentro dos termos desse convênio, as duas instituições realizarão, em 19 de abril de 2016, o I ENCONTRO LUSO - BRASILEIRO "Direito, Cultura e Memória": Homenagem ao Professor Câmara Cascudo, tendo à frente o Professor Fábio Fidelis, pelo UNI-RN, e o Professor Eduardo Vera -Cruz Pinto, pelo Instituto de Direito Brasileiro (IDB), da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL).

Como uma das marcas culturais desse evento, fizemos a opção por reeditar a plaquete Universidade e Civilização, do professor, historiador, etnógrafo e escritor Luís da Câmara Cascudo, mantendo a ortografia original do texto em atenção à sua historicidade. Trata-se de obra com pequeno número de páginas, mas grandiosa em conteúdo, um ensaio no qual o autor aborda os conceitos de cultura e de civilização, e fala da importância das universidades no processo civilizatório. O texto tem um componente histórico, porquanto se constitui na aula inaugural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, instituição de destaque no conjunto do Sistema Federal de Educação Superior do Brasil, no momento atual. A primeira edição dessa plaquete é de 1959, e a segunda ocorreu em 1988, dentro das celebrações dos 30 anos da UFRN, época em que eu exercia o cargo de Reitor daquela Universidade. Para a 3ª edição da plaquete, tivemos a devida autorização do Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo, o qual se fará presente no evento acima citado, na pessoa da Dra. Camila Cascudo Barreto Mauricio.

É de se ressaltar o afeto de Câmara Cascudo pela nação lusitana, bem assim por terras da África, fontes vivas e origens das suas principais inquietudes intelectuais, a fim de bem estudar e interpretar o homem brasileiro, sob o enfoque da etnologia, da sociologia e da antropologia cultural. Ao falar sobre a importância dos estudos luso -

brasileiros do folclore, o famoso escritor vislumbrou a imagem de um rio, para declarar: "Nós somos a foz, Portugal é a nascente".

Nessa aula inaugural - Universidade e Civilização -, Câmara Cascudo lembra que nós, brasileiros, desde os primórdios, já fomos chamados por uma profissão, pois tal nome, na época do descobrimento, era dado ao homem que trabalhava o pau-brasil, ao cortar, arrumar e transportar a ibirapitanga: "Iam as naus, gementes nos alísios, o velame bojudo, carregadas de pau-brasil, esforço dos brasileiros". Ao final do texto, o autor defende que uma universidade se perpetua pela sua influência, e se prolonga pela sua presença na alma daqueles que a deixaram, ao término dos seus cursos. E se reporta ao egresso:

"Nele, a Universidade existe como uma grandeza normativa, linha de direção, azimute de marcha, marcando as derivas, o que deve ser evitado ou seguido". Refere-se, então, à enorme fauna de papagaios - aves atraentes, falantes, mas imitadoras, encontrada na nova terra onde aportou a frota de Cabral, com o provável intuito de dar ênfase à universidade criativa e criadora, que tenha identidade e voz próprias, conclusão alcançada por meio de uma metáfora: "Melhor é um pássaro com a monotonia do canto único e seu do que esta ave vitoriosa na polifonia fraudulenta de suas contrafações repetidas".

Natal/RN, abril de 2016
Daladier Pessoa Cunha Lima
Reitor do UNI-RN

NOTA INTRODUTÓRIA

O grupo Filosofia, Direito e Sociedade (FDS) é a realização de uma promessa intelectual, a expansão da atividade reflexiva que amplia suas raízes em solo brasileiro, uma canção inovadora, comprometida com a promoção de debates acadêmicos e reflexão crítica de elementos filosóficos, jurídicos e sociais. O Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN) é seu lugar de nascimento e desenvolvimento, onde, a partir do enlace intelectual-afetivo, estão dadas as condições necessárias para produção de trabalhos que destaquem a temática da ética e dos direitos humanos, tanto no enfoque internacional quanto nacional.

No âmbito do desenrolar dos trabalhos relativos ao projeto FDS, rapidamente, a obra do prof. Luís da Câmara Cascudo passou a ocupar posição central como referencial teórico norteador para a construção de uma compreensão reflexiva acerca da efetivação dos direitos humanos. Notoriamente, a valorização do ser humano é uma característica marcante no pensamento de Cascudo, logo suas contribuições e aportes tocam questões essenciais como a democracia, o papel do Direito na sociedade, o culturalismo, o pluralismo, entre outros temas. Portanto, a bibliografia em comento representa um campo fértil para as Ciências Humanas em geral, muito fortemente para as Ciências Sociais, todavia, no que tange ao universo jurídico, tal recomendação não só permanece, mas também ganha um toque de quase ineditismo, haja vista a pouca existência de trabalhos abordando as ideias de Cascudo sobre o Direito.

O opúsculo *Universidade e Civilização*, de Luís da Câmara Cascudo, foi uma das primeiras obras de Câmara Cascudo trabalhadas no projeto Filosofia, Direito e Sociedade com os alunos/pesquisadores do UNI-RN. Em verdade, o referido livro foi "garimpado" pelo alunado, membros do grupo, nas visitas para coletas de dados realizadas no Instituto Câmara Cascudo (LUDOVICUS), sede da sua memória e do seu legado material e espiritual. A citada obra é uma pequena amostra do incomensurável capital intelectual contido na bibliografia de Cascudo, pois nela resta plasmada o entendimento do mestre sobre o crucial papel que deve ser desempenhado pelas universidades no seio da sociedade moderna. Em apertada síntese, o prof. Cascudo expressa a sua visão no sentido de ser a missão precípua das instituições de ensino superior não só garantir o acesso ao conhecimento, mas também realizar um ensino voltado para a valorização do ser humano, no qual a dimensão educacional esteja

conectada com a moral e a ética para uma aplicação da técnica adquirida de forma digna e serviente ao bem comum.

Universidade e Civilização é um item mandatório na literatura conjugada no projeto FDS, contudo, para além disso, é um item essencial para os estudiosos que buscam meditar sobre a educação, jurídica ou não, e o papel das instituições de ensino. Partindo dos ensinamentos do mestre Cascudo, torna-se possível compreender que as universidades são espaços democráticos para o debate e para o enfrentamento de questões que desafiam o corrente formato de sociedade. Somos herdeiros da visão de Cascudo, habita-se um Brasil que ampliou seu potencial cultural por meio de universidades, faculdades e centros universitários. Por essa herança ocorre diante dos olhos todo o percurso de gerações que atravessaram continentes, línguas, etnias e estão agora reunidas em uma consciência mundial. Sabe-se, assim como mestre Cascudo antes de nós, que o desafio recomeça a cada semestre, com cada pessoa que entra em uma sala de aula, a missão é reavivar a chama do amor pelo conhecimento, sem jamais reduzi-lo à técnica, refazer as estradas do pensamento, iluminar com palavras e ações, descobrir e redescobrir o mundo, esse é o espírito cultivado no ambiente universitário.

Nas palavras de Cascudo: "Valorizar o Brasil para que possamos ser dignos colaboradores no esforço cultural do Mundo, levando ajuda de nossa competência", acrescenta -se: como é bom e belo fazê-lo em língua portuguesa, com laços de amizade e fraternidade com Portugal.

Natal/RN, 31 de março de 2016.

Prof. Dr. Everton da Silva Rocha

Prof. Msc. Fábio Fidelis de Oliveira

Prof. Dr. Marcelo Mauricio da Silva

Prof. Dr. Marco Aurélio de Medeiros Jordão

Coordenadores do projeto Filosofia, Direito e Sociedade

UNIVERSIDADE, CIVILIZAÇÃO E LUSOFONIA

Desde a fundação dos estudos universitários em terras portuguesas, sob a régia condução de Dom Diniz, foram plantadas as sementes que, desenvolvidas, exerceriam larga e perene influência no futuro horizonte da lusofonia.

Se o Rei-Trovador comparece na memória lusitana como o "plantador de naus", sua atividade protetora dos saberes e das artes tem o mesmo rumor dos pinhais que, conforme as palavras de outro poeta, "como um trigo, de império ondulam sem poder se ver"¹.

De fato, difícil se torna uma completa avaliação de toda a projeção que a cultura ibérica logrou no contato com realidades tão diversas como diversa foi a sua própria gênese, berço produtor de um destino aventureiro... de vozes da terra a ansiar pelo mar.

Transferida de Lisboa para as margens do Mondego, pela mão de Dom João III, o impulso humanista traria a contribuição técnica aliada à filosofia, à teologia e à novidade presente nos territórios recentemente descobertos. A academia adaptava as suas mais recentes florações ao desconforto provocativo do horizonte não mais restrito ao centralismo europeu unificado na fé e no conhecimento aquém das colunas de Hércules.

E é aqui que devemos enquadrar o pioneirismo português. Pioneirismo expresso na coragem das inovações náuticas, mas também na cátedra de um Doutor Navarro ou no pensamento jurídico e missionário de um Padre Manuel da Nóbrega. Isso para não nos referirmos à genialidade de um Suárez e aos desdobramentos neotomistas de um Molina, já em território eborense.

Desfilam aos nossos olhos todo um contingente teórico de autores que fizeram da modernidade nascitura o palco para as suas concepções sobre a origem democrática da realidade política. Nulla potestas nisi a Deo, falavam os doutores, todos acordes com um poder emanado da divindade e sequencialmente transferido à sociedade na mais sagrada estrutura dos direitos naturais. E foi assim que o aquinate também embarcou nas caravelas.

Noutra etapa histórica, foi da Atenas lusitana que os estudantes brasileiros, vencendo as distâncias separatistas de um país continente, souberam articular as

¹ Fernando Pessoa, em "Mensagem".

primeiras ideias que culminaram no processo de emancipação política da terra em que a Casa de Bragança continuaria, agora constitucionalmente, a reinar.

O Sete de Setembro de 1822 não chegou a nos apartar da tradição cultural das origens, agora sentida nas liberais influências formadoras dos núcleos universitários de Olinda e São Paulo. Nesse sentido, apesar da busca pela autonomia intelectual diante da matriz portuguesa, sentimos que somos, conforme a palavra de Cascudo, "indelével, forçosa, necessariamente, uma comunidade no Mundo. Somos o 'Português'. Não há argumento mais forte, mais antigo e mais poderoso".²

Diante disso, passamos a melhor compreender a identidade de um vasto contingente de povos unidos pelo laço linguístico comum. Quem andar pelas ruas de Lisboa bem entenderá a pluralidade integrativa ao escutar uma conversa em crioulo, o atender de um tele móvel em bom sotaque pernambucano, a morna entoada baixinho pela rapariga distraída com seus fones de ouvido, as vozes encantadas de alguma casa de fado na Alfama, o estudante de Macau que resume em ideogramas chineses o que entende de um livro escrito na mesma língua usada por São Francisco Xavier ao pregar em terras indianas.

Na casa de nossos avós, temos a oportunidade de aprender, no entendimento do que nos aproxima e na com apreensão do que nos separa, a vivência de um tempo que não nos pertence, mas que pode ser plenamente visto como "uma dimensão, um elemento real, verídico, sensível, material"³.

E a civilização global formada por navegadores ainda pode, sobretudo em seu ambiente acadêmico, acolher aquela intuição traduzida pela prosa poética de José Saramago ao traduzir metaforicamente a proposta de um destino em uma Jangada de Pedra lançada ao oceano e que aporta em algum lugar entre a África e a América.

Para Cascudo, o destino da cultura acadêmica sempre esteve ligado ao somatório de fatores sejam eles os mestres, o alunado, ou a estrutura física. Contudo, visualizou como fator de máxima importância a interação bem-sucedida de todos os elementos da vida universitária perpetuados no tempo. O mesmo tempo que abençoa, como uma "mãe pobre", o destino institucional no "sonho informe e longo de todos os professores do passado"⁴.

² Álbum de Visita do Presidente Juscelino Kubistchek a Portugal em 1956.

³ Diário de Natal (Terça-feira), 23.09.1947, p.2.

⁴ Expressão utilizada no discurso de inauguração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Escutemos, novamente, a voz do professor da Rua Junqueira Ayres. Cruzemos mentalmente aquela escada ria luminosa como se entrássemos no país dos encantados para encontrar as sábias palavras de um de seus representantes sobre o humano, a memória e a ronda do tempo.

E assim, ao fim da tarde, quando Guaracy⁵ estiver por se despedir ao deitar seus raios sobre o calmo rio Potengi, vamos ouvir a expressão apimentada pela África e adocica da pelos engenhos brasileiros como a indicar que a conversa é finda: Agora basta, vá baixar em outro terreiro!⁶

Lisboa, Domingo de Páscoa de 2016.

Prof. Fábio Fidelis de Oliveira⁷.

⁵ O sol, para determinados grupamentos indígenas brasileiros.

⁶ Expressão habitualmente utilizada por Câmara Cascudo para encerrar, com bom humor, alguma conversa ou entrevista.

⁷ Professor do Curso de Direito do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI -RN), doutorando em Ciências Histórico-jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL).

UNIVERSIDADE E CIVILIZAÇÃO

Durante um minuto o relógio do tempo marca para Do Rio Grande do Norte a sua hora imortal. No alvoroço provinciano pensamos que a efeméride participe do registro nacional e perpétuo. O obscuro, anônimo, tenaz e maravilhoso esforço, mais de duas vezes secular, emerge, na paciente obstinação dos polipeiros, à flor d'água, no nível visível da realização, no pequenino orgulho de sua vitória tranquila.

Instala-se esta Universidade como nasce uma criança e vive a semente, numa potencialidade da confiança. Se ela tiver um destino, como têm os livros, o seu será do instituto que existe pela desesperada vontade de viver. Nela está, como uma bênção de mãe pobre, o sonho informe e longo de todos os velhos professores do passado.

Certo é que também a praxe impõe a citação das grandes Universidades históricas. Bolonha, Paris, dos séculos XII e XIII, com seus reitores, "nações", direitos, festas, cores, rituais, desfiles, batalhas, madrugadas e crepúsculos culturais. Convinha lembrar a evolução dos trajes, cerimoniais, disputas clássicas, as fisionomias imóveis dos Mestres que ficaram iluminando na teimosia de estrelas fixas.

Creio que essa presença já vive em todos nós, sabida e por muitos vista, vista palpitante dos pátios tantas vezes centenários, torres góticas ou quadradas como albarrãs antes da pólvora; capelas, standartes, troféus, tudo quanto o tempo capitaliza no plano da homenagem sedutora e contínua, pátio verde de Oxford ou sala abobadada de Toledo onde Frey Luis Ponce de Leon, ensinou. DECIAMOS AYER...

É mais atrevidamente lógico que a lembrança seja memória, doce memória, da humilde história local. Vindo a Universidade do latim jurídico UNIVERSITAS, comunidade, evoquemos os cimentos, raízes, fundamentos, daqueles que desapareceram antes da frutificação, espalhando, na angústia da missão magistral, o desejo da colheita na extensão da seara que ajudaram a fundar:

O ensino público se arrasta na Capitania e tropeça lentamente na Província. Mas tivemos sempre a paixão fiel, a direção insistente das letras. Quando vimos o nosso primeiro Orçamento, 4 de abril de 1835, despesa prevista de 46.617\$760, a maior dotação destinava-se à instrução,..... 11.380\$000! Nunca perdemos este roteiro.

Era, na nossa pobreza orçamental, o óbolo da viúva. Vinha, simples e valiosa pela significação votiva, a moedinha fiel, ajudando o Ensino.

Nesta noite, como na antiga balada escocesa, estarão presentes todos quantos pressentiram a existência desta instalação. A balada canta a visita de todos os antepassados ao derredor do berço onde dorme o mais moço descendente. Aqui estarão, pois, os mestres-régios da Gramática Latina, do século XVIII, os mestres-escolas espalhados pelo sertão, fulvo e bravio, aqueles que eram pagos por um alqueire de farinha ou noutros gêneros alimentícios, aqueles que eram subsidiados pelo imposto de 400 réis por um boi abatido e 320 por uma vaca. Os vigários-colados, plantadores de escolas paroquiais, na glória do hor-a, hor-ae e do just-us, just-a, just-um, os professores contratados das fazendas, os ambulantes, semeadores erráticos, erguendo "aulas" nos recantos mais distantes e ásperos da solidão sertaneja; os mestres de Latim, Francês, Geometria, Retórica e Filosofia reunidos num Colégio, o ATHENEU, há 125 anos, as mestras-de-meninas, os particulares, os prestigiosos, os perseguidos, os criadores esquecidos, deixando prosódias clássicas que surpreendem, guardadas na vitalidade oral da memória popular; os mestres da Escola Normal, todos os professores de ontem e de agora ciosos da profissão, conscientes da responsabilidade, indo abrir de par e par as portas, os tesouros, as surpresas, as mágoas, as divinas compensações do conhecimento, e todos que caminharam no rumo desta noite inesquecível, para clareá-la de esperanças, e aquelas que vinham ao nosso lado e a Morte ou Idade destas cátedras afastou; todos estão vi vendo na hora do batismo universitário as suas honras, recebendo os nossos júbilos pelo que lhes devemos e amamos.

Levamos cedo os nossos cântaros às fontes das Faculdades do Recife, Bahia, Rio de Janeiro. Nosso primeiro bacharel é de Olinda, na primeira turma de 1832. O primeiro médico recebe a láurea na Bahia, 1857. O primeiro engenheiro em 1859, é da Corte seu diploma.

Não é, não deve ser persistente e contínua esta jorna da na quarta dimensão. Se um dos professores foi escolhido para falar em nome de todos os companheiros das Faculdades, a História não poderá tomar espaço e tempo como expressando a predileção do orador. Interessa-nos, maiormente os aspectos palpitantes, os temas inquietos e debatidos, constituindo as supremas, as mais altas, as finalidades positivas de uma Universidade, no terreno funcional.

Se a Universidade se instala para viver, e viver para sempre em serviço do Brasil no horizonte do Universal e do Humano, é indispensável saber-se em que direção

orgânica, no ponto de vista psicológico e mesmo doutrinário, caminhará ela, a menina-e-moça dos nossos cuidados, dedicações e ciúmes.

Se a Universidade dará os cursos regimentais aos seus estudantes, matriculados nas Faculdades, ministrando ensinamento para a batalha profissional, cumprirá apenas a materialidade de sua missão, realizando tão-somente a tarefa maquinal de uma transmissão de técnicas. Se não a empolga e não apaixona a criação de um espírito, de uma alma universitária, elegida pela observação, experiência e estudo dos professores veteranos da campanha de sonhar e sofrer, dando aos seus alunos não unicamente a lição dos livros mas a impressão pessoal na viagem pelo mundo e pela sensibilidade, então a Universidade existe como existirá uma máquina fornecedora de filtros seletivos, de aptidões teóricas, oficina de armas sem que se pergunte o destino delas, preparando - se o Cavaleiro com os segredos da vitória sem o prévio juramento da atuação moral. Apenas a Universidade reforça e amplia a matéria sem o espírito, a violência do Êxito sem o ideal da Beleza, o sucesso da Economia feliz contra a Justiça desarmada e miserando.

Se da Universidade não parte a valorização humana da ciência adquirida e sua aplicação nobre e digna, então está jurando solidariedade e aliança-cúmplice com todos os elementos que anoitecem o mundo e espalham, na amplidão das cidades e dos campos, a imutabilidade do signo da Angústia, da Insatisfação, do Desalento, do Pessimismo, desfibrador e responsável por tantos males e maremotos sociais.

Uma Universidade é plasmadora de Cultura em defesa ascensional da Civilização. Se, nesta hora, não definirmos Cultura e não formos até o conceito de Civilização, teremos feito crime notório contra o Espírito, renegado o bom Com bate e perdido a Fé.

É um supremo minuto em que a palavra deve esculpir e gravar a frase heroica de sua sinceridade profissional. Distinguir entre Civilização e Cultura. Entre o Culto e o Civilizado, desde que uma Universidade se destina à elaboração destes padrões vivos de utilidades reais. Evidenciar que se o Espírito não estimula, aquece e dirige o aparelhamento das técnicas, continuaremos atravessando tempestades de fogo e cinza, sepultadoras do júbilo criador, da Dignidade, da grandeza lírica, talqualmente aconteceu a Pompéia e Herculano, ricas e lindas, cidades de ócio e de arte em servidão à opulência de Roma.

Sentimos por toda a parte, mesmo nos pólos magnéticos do Mundo, Estados Unidos e União Soviética, esta convergência para uma elevação, um alvo, um desígnio

acima da posse dos processos multiplicadores da produção e da ciência do Social. Notório é que o Homem Farto não é o Homem Feliz. Os deuses do ventre e do estômago ainda têm milhões de adeptos, mas o culto está perdendo o esplendor e há uma pertinaz negativa de suas bases filosóficas e sociológicas.

A Filosofia do Êxito não consegue a Tranquilidade. Einstein perguntava por que, no tempo exato da intensidade mecânica, da prodigiosa ambientação de conforto, da simplificação do esforço, da luta miraculosa contra a dor física, éramos tão tristes, tão desesperançados, tão desiludidos. Parecia lembrar-se de uma gravura de Durer, a mulher sentada, na moldura de todos os instrumentos da observação científica dos séculos XV e XVI e quando se pergunta o título, não é CIÊNCIA, mas MELANCOLIA...

Faltar-nos-á mais Poesia, que é uma quinta dimensão, mais ampliação lírica, mais beleza? Mas, afirma uma poetisa norte-americana, Beauty is not enough... a Beleza não é o suficiente.

De meio século para os nossos dias, CULTURA tomou o lugar e o trono da CIVILIZAÇÃO. Influência do KULTUR alemão nos Estados Unidos que derramaram o vocábulo e decretaram a supressão da velha Dama por toda América Latina. Vede os compêndios de antropologia cultural, de etnografia geral, de sociologia, Cultura, Culturas. A Civilização passou da Moda.

Que diremos por uma Cultura?

Cultura, conjunto de técnicas, doutrinas e atos, transmissíveis pela convivência e ensino, de geração em geração, Entende-se que haja um processo lento ou rápido de modificações, supressões, mutilações parciais, no terreno material ou espiritual do elemento coletivo, sem que determine uma transformação anuladora das permanências características, É possível modificar-se uma cerimônia, um aspecto da organização administrativa, uma técnica de produção agrícola ou industrial, a maneira de preparar um alimento tradicional, um ritmo de dança individual ou bailado coletivo, um equipamento ou forma de caçar, pescar, guerrear, tecer, fiar, modelar, pintar, decorar cerâmica, ornamentar-se, tatuar-se, abandonar certos vocábulos por outros ou fazê-los ter significação diferente, sem que a cultura perca, no conjunto de sua apresentação habitual e sensível, vitalidade e fisionomia normais. Todos nós sabemos que há Cultura própria e do grupo humano natural, espécie de fundamento na geologia de sua formação. Depois haverá, natural, orgânica, forçosamente, intercâmbio, permuta,

interdependência, culturas conquistadas pelo agenciamento, impostas pela força, estudadas, no ímpeto e impulso de uma teoria de vasos comunicantes.

Aqui não há tempo, tempo perceptivo e psicológico, para dizer-se das Culturas mais ou menos densas, mais transmissíveis que outras, mais úteis pela sedução imitativa e prestígio da vulgarização geral, e aquelas mais típicas, legítimas, fundamentais, que vão sendo como soterradas, sepultadas pelas avalanchas niveladoras das técnicas, mesmo literárias e artísticas no seu momento irresistível de mar montante. A Cultura é a disponibilidade prestante, imediata e total para o Homem viver. Ortega y Gasset a comparava a um movimento natatório. É preciso o gesto incessante e pessoal para a travessia na vida. A Cultura ensina, pelo exemplo comum da evidência, como o Homem deve nadar para sobreviver.

Mas não lhe pode dizer para que e como deve viver.

A Cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo do material herdado e acrescido pelas aportações inventivas de cada geração. E cada geração faz convergir elementos de outras culturas circunjacentes ou longínquas, julgadas capazes de auxílio e avanço na terra natal.

Civilização não é Cultura ou reunião de Culturas. Compreende-as determina a fórmula assimilativa, orienta, dá -lhes a tonalidade, feição, aspecto nacionais.

CIVIS, o cidadão faz nascer Civilização, Civildade, Civismo. Estes vocábulos decorrem de ação espiritual, aproximativa, relações humanas, projeção imanente da dignidade, soberania e domínio do elemento moral, disciplinando as maneiras, consagrando o amor à Pátria numa arte de exercer os direitos com o respeito pelos alheios.

Se uma Civilização fosse a súpula ou o aglomerado harmônico das Culturas, podia transmitir-se na proporção. dos seus elementos componentes.

A transmissibilidade dos elementos culturais não é sinônimo de transferência de Civilização. Pode um povo receber de outra parte vultosa de técnicas e mesmo processos de organização social, linguagem até, sem que fique possuindo características reais da civilização do centro comunicador. O Canadá, Austrália, República Sul-Africana têm fisionomias próprias que não se confundem com a intensa aculturação dos empréstimos ou dádivas culturais da Grã-Bretanha. A semelhança dos padrões culturais, em todos os países, numa como que unidade que já surpreendia Guizot, jamais conseguiu apagar as "permanentes" psicológicas que dão consistência e forma inconfundível a cada território

possuído por uma etnia. Nem a vizinhança ou continuidade da influência, mesmo étnica, unificam os povos. A Holanda é tão distante da Bélgica e da Alemanha quanto a Suécia da Noruega e esta da Dinamarca, a Finlândia da Rússia, o Brasil de Portugal. A Espanha manteve-se varando os turbilhões e as nações, surgidas na América do seu esforço, imitam-na, mas não a copiam, irmanando-se na morfologia cultural.

Há sempre algo de COMUM e muito de PECULIAR em cada grande grupo humano, sedentário e secular em sua construção social. As nações semelham elas próprias. Este índice diferencial, esta marca coletiva, indisfarçável, visível através das idades, denuncia o NACIONAL, fixando a paisagem do país. É a sua Civilização. O que se transmite é a Cultura.

Um homem pode sofrer operação plástica e modificar o rosto. Um povo não muda a fisionomia. A fisionomia de um povo é a sua Civilização. Sua alma, potência, força anímica.

É também indefinível estado psicológico, moral, sensível em todas as manifestações da atividade nacional, que encontramos, compreendemos, passando de um a outro país. Do Uruguai à Argentina. Da Espanha a Portugal. Da França à Itália. Da Suíça à Alemanha. Do Chile ao Peru. Do Canadá aos Estados Unidos. As impressões se irradiam da Civilização e não das Culturas destes países.

Complexo plástico de mentalidade e normas que se fixa no álveo da ação coletiva. Vive e se perpetua pelo sangue, herança moral, educação doméstica, o poderoso **folk-lore**, crenças, as modificações populares no corpo teológico de todas as religiões, o clima social e, acima de tudo, pela cristalização secular ou milenar do pensamento geral, do julgamento, das soluções, formando o próprio firmamento da Mentalidade sob a qual passam as constelações e as ventanias do Efêmero e do Duradouro.

Só a Civilização admite fusão, coesão, adaptabilidade das Culturas. Noé representava a Civilização, empregando as mil Culturas, os recursos técnicos, para construir a Arca, fazê-la flutuar e enchê-la de todas as espécies animais.

Um namoro, o processo amatório de uma conquista feminina, é técnica da cultura de Seduzir. Um lar é uma Civilização.

A Cultura é sempre uma fórmula aquisitiva, conquista, movimentação de conhecimento, ação imediata, constante, utilitária. Civilização é sensibilidade, dogma tradicional, mistério da união, dando a impressão da cor e equilíbrio do conjunto ao ramallete de flores distantes.

Universidade veio do jurídico UNIVERSITAS, comunidade, congregação, subentendendo hierarquia, disciplina, unidade moral e conduta específica, destinada a uma "norma" universitária que é a sua razão espiritual de exercício no campo da função educacional.

Precisamos de quem atenda aos enfermos, erga edifícios, estradas, pontes e túneis, manipule (agora em luxo diluvial dos remédios feitos, "oficinais", quase ninguém reclama os velhos "magistrais" de outrora, julgados infalíveis e sem consequências maiores), manipulando nos laboratórios. e farmácias, dê assistência ao Social, conheça Odontologia, as Línguas Neolatinas, Geografia, História, em cursos especializados, e ainda a ciência da Economia e Finanças, Belas-Artes, Música, mas "tudo isto e o Céu também" pedimos, numa exigência acima das formas positivas das Culturas indispensáveis nesta segunda metade do século XX. No ano de 2059 as solicitações serão diversas, mas as "clássicas" continuarão inalteráveis como rochedos n'água corrente.

Todos esses conhecimentos deverão ter uma aplicação em novas dimensões, atendendo-se ao que dizia Santa Teresa de Jesus, a Grande: - AUNQUE CREO QUE EN CADA CO SITA QUE DIOS CRIÓ HAY MAS DE LO QUE SE ENTIENDE...

Uma Universidade é uma escola perene de pesquisas. Olhando a bibliografia pública e anunciada nas revistas universitárias, vemos realmente a universalidade das buscas em todos os recantos da terra. Tudo é objeto da curiosidade, estudo demorado, comparação, experiência, verificações, tempo, dinheiro, dedicação. Estes trabalhos, de vidas inteiras a eles consagrados, não terão notoriedade estrondosa, fama universal, popularidade carinhosa e total de "astro" de cinema, "estrela" de rádio e "ás" de **football**. Ficarão no círculo limitado dos leitores e dos colegas da especialização ou gênero. Tanto mais se sobe intelectualmente mais se aproxima da solidão mental, **sola beatitudo**, povoada de pensamentos divinos e silenciosos.

Mas não vamos esperar senão uma percentagem mínima de estudantes diplomados, capazes de renunciar ao Êxito para dedicar-se às alegrias humildes e gloriosas da pesquisa obstinada e tranquila, pagando-se com as alegrias do trabalho realizado.

O essencial é incutir-lhes no coração a permanência de outros valores não coroados pela fortuna financeira ou prestígio social, bem maiores e mais valiosos que os nomes notados em nossas leituras e escutas.

Dizer-lhes que, formados, tenham o ganho, os salários, o pagamento, como uma razão lógica, um elemento natural mas nunca o destino social da profissão. Afirmar-lhes que a pobreza de Pasteur, de Beethoven, de Darwin é mais generosa, eterna e pura que as riquezas alucinadas, terminantes no enfartamento cerebral, na melancolia incurável de não poder digerir o mundo econômico.

A Universidade deve valorizar, estudar, defender a Civilização do Brasil. Primeiro porque é bela, sugestiva, original, humana. Segundo porque é a nossa. Conhecê-la, amá-la, compreendê-la pela pesquisa que fatalmente terá de fazer em sua vida profissional, no contacto dos problemas a resolver desde o cálculo de resistência de materiais até a redução de uma pulpita rebelde.

Ter o sentimento da solidariedade humana, a compreensão imediata de fatores universais que atuam perto de nós e em nós mesmos. Sentir-se parte no Mundo, não entre os Homens mas com os Homens. Que o solidarismo humano não é determinismo político mas dogma divino de fraternidade. Conservar o zelo em admirar as tarefas estranhas à sua profissão. Julgar úteis todos os que trabalham. Manter o que José Enrique Rodó dizia constituir o mais alto índice da inteligência pura, **el dom de admirar**. Não crer que vão faltar estrelas no Céu porque estudam algumas delas. Crer que as galáxias luminosas, no curvo e misterioso mundo sideral, darão motivo à existência de muitas gerações de astrônomos. Que o temário no Mundo nunca se esgotará. Que haverá eternamente assunto para estudo e glória. Que o mar não diminuirá pela passagem dos navios e pelo canto dos poetas que dele se enamoraram. Nem o firmamento. Nem o seio da terra. Nem o infinitamente pequeno.

Valorizar o Brasil para que possamos ser dignos colaboradores no esforço cultural do Mundo, levando ajuda de nossa competência. Prepararmo-nos excelentemente para resistir às rivalidades e às concorrências. Lembrar que, espiritual, étnica e biologicamente, não temos elementos negativos que impossibilitem ou limitem a nossa percepção e aquisição científica.

Somos iguais aos outros. Nem mais nem menos. Nas virtudes e nos defeitos, nas proporções relativas ao tempo de existência e densidade demográfica.

Não esquecer que somos portadores de uma missão de Cultura, devotos de sua multiplicação, mas intérpretes e filhos de uma Civilização cristã que em nós se propaga e permanece.

Nesta permanência reside o prestígio de nossa credencial no mundo. Água para o Mar universal guardando a fidelidade das pequenas fontes iniciais e distantes. Abelhas com liberdade de escolha do material florido mas o mel com o sabor genuinamente brasileiro. Homens do Mundo mas espíritos memorizados por um território. Raiz imóvel e fronde projetada no espaço. Como na divisa da Universidade de Buenos Aires: PEDES IN TERRA AD SIDERA VISUS - os pés na terra e os olhos nas estrelas.

Não olvidar a universalidade do interesse por tudo que seja humano e ligado à dignidade do Espírito, da Personalidade, Justiça, a Liberdade, o Respeito, o Decoro, a Tranquilidade Moral.

Assim a missão universitária, sua alma, é preparar os valorizadores da Civilização Brasileira, ampliadores das Culturas, em serviço da Humanidade.

O que faz a durabilidade, a vida infinita, o prestígio. crescente de uma Universidade não é o seu corpo docente, o bem-estar das instalações, o convívio nos currículos, os laboratórios, bibliotecas, inquéritos, debates. É o conjunto destes fatores no tempo. A universidade se perpetua pela sua influência. É o prolongamento da presença no espírito do aluno diplomado, liberto da rotina, já na plenitude das funções práticas, distante mas fiel à Colmeia sem possibilidade de uma força coerciva prendê-lo ao passado estudantil. Nele, a Universidade existe como uma grandeza normativa, linha de direção, azimute de marcha, marcando as derivas, o que deve ser evitado ou seguido.

Se uma Universidade não consegue permanecer n'alma daqueles que a deixaram, findos os cursos, falhou na essência vital da própria finalidade. Ela deve ser, realmente, mais poderosa na transfiguração da saudade, quando já não mais constitui uma obrigatoriedade. Já não é um Direito de estudar mas um Dever, Dever de afeto, de respeito, de fidelidade na aplicação das Culturas aprendidas.

Lembramo-nos também que os nacionais de todos os países têm denominações étnicas. Nós somos os únicos significando uma profissão. Brasileiro, no século do Descobrimento, era homem que trabalhava o Pau-brasil. Cortava, arrumava, transportava ibirabitanga para a exportação. Iam as naus, gemente nos alísios o velame bojudo, carregadas de Pau-brasil, esforço dos brasileiros.

Também viviam milhões de papagaios. Tão abundantes e formosos que se tornaram produção regular para o mercado europeu. Deram mesmo, num momento da cartografia quinhentista, nome ao Brasil, julgado ilha: - INSULA PAPAGALORUM - ilha dos Papagaios!

A missão da Universidade é prestigiar a velha vocação brasileira do Trabalho. Brasil, Terra de Trabalho, afastando o sedutor namoro da ilha dos Papagaios, palrantes, atraentes, imitadores eternos de todos os idiomas, de todos os ruídos, de todas as sonoridades, sem que mais possuam canto e ritmo próprios, perdidos, dispensados pelo uso diário e secular do plágio. Melhor é um pássaro com a monotonia do canto único e seu do que esta soberba ave vitoriosa na polifonia fraudulenta de suas contrafações repetidas.

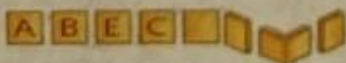
Possa, sob os auspícios destas evocações, reminiscências e saudades, erguer-se, instalar-se, caminhar a Universidade do Rio Grande do Norte para o futuro, pairando sobre todos nós num signo tranquilo e constante de bênçãos - AS PROMESSAS DIVINAS DA ESPERANÇA!

ISBN: 978-65-88305-08-9

CD



9 786588 305089



Forum de Gestão
do Ensino Superior
nos Países e Regiões
de Língua Portuguesa



Filosofia,
Direito e
Sociedade



INSTITUTO
LUDOVICUS